

# Solha do Norte

DIRETOR  
PAULO MARANHÃO

ARTE

SUPLEMENTO

LITERATURA

ORIENTAÇÃO  
DE  
HAROLDO MARANHÃO

## COLABORADORES

DE BELEM: — Alonso Rocha, Benedito Nunes, Bruno de Menezes, Cauby Cruz, Cécil Mirra, Cleo Bernardo, Daniel Coelho de Sousa, F. Paulo Mendes, Garibaldi Brasil, Haroldo Maranhão, Levi Hall de Moura, Mario Couto, Mario Faustino, Max Martins, Nunes Pereira, Orlando Bitar, Olavio Meudonça, Paulo Plinio Abreu, R. de Sousa Moura, Ribamar de Moura, Rui Guilherme Barata, Rui Coutinho e Sulfana Levy Rosenthal.

DO RIO: — Alvaro Lima, Augusto Frederico Schmidt, Aurelio Buarque de Holanda, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino, Fernando Ferreira de Loanda, Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Lúcio Ivo, Lucia Miguel Pereira, Maria da Saudade Cortezão, Marques Rebelo, Manuel Bandeira, Maria Julieta Drummond, Murilo Mendes, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónal e Rachel de Queiroz.

DE S. PAULO: — Domingos Carvalho da Silva, Edgar Cavalheiro, Roger Bastide, Sergio Buarque de Holanda e Sergio Millet.

DE BELO HORIZONTE: — Alphonsus de Guimarães Filho e Bueno de Rivera.

DE CURITIBA: — Dalton Trevisan e Wilson Martins.

DE PORTO ALEGRE: — Wilson Chagas.

DE FORTALEZA: — Antonio Girão Barroso, Aluisio Medeiros, Braga Montenegro, João Climaco Bezerra e José Siente Lopes.

*Nota prévia:* Este trabalho, ainda incompleto, é apenas uma informação inicial e o resultado parcial de um estudo de variantes lexicais que ora desenvolvo em alguns textos de  
 CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## Considerações iniciais

No final da década de 1940, surge no cenário cultural de Belém do Pará um *Suplemento Literário*, que se tornaria bem concorrido e prestigioso: um caderno de artes e literatura encartado no antigo jornal paraense *Folha do Norte*. A responsabilidade editorial desse caderno era do então jornalista, depois escritor consagrado, Haroldo Maranhão. Sua atuação naquele jornal foi marcante; trazia então para as folhas, daquele *Suplemento*, a cada domingo, os grandes nomes do mundo artístico e literário do Brasil e mesmo do exterior. Ali deixaram seu registro, por vezes com textos inéditos e outros especialmente escritos para o atualizadíssimo periódico, figuras notáveis do modernismo brasileiro: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Raquel de Queirós, Álvaro Lins, Wilson Martins, e muitos outros. Em suma, a intimidade daquele jornalista com o mundo intelectual e artístico do país iluminou por vários anos os fiéis leitores do famoso *Suplemento Literário*, que circulou de 1946 até, precisamente, 14 de janeiro de 1951, com o número 165.

Os escritos de Carlos Drummond publicados naquele caderno não se restringiam apenas a poesias e crônicas, mas eram também artigos que tratavam de problemas sociais, raciais, de crítica literária, exaltações a escritores, traduções, enfim, matéria vária e diversa em torno das letras e da vida cultural. O espírito prolífero do *Suplemento* se ajustava bem ao estilo prolífico drummondiano, porquanto, como se percebe, Drummond gostava de escrever sobre assuntos variados. Alguns escritos seus foram destinados exclusivamente às páginas da *Folha do Norte*, tanto que era comum lê-se logo abaixo de alguns títulos:

- Especial para a Folha do Norte, neste Estado;
- Exclusividade da Folha do Norte, neste Estado;
- Copyright E.S.I., com exclusividade da Folha do Norte, neste Estado.

Os textos de Drummond figuravam em geral na primeira página, mas também nas internas; um deles conquistou, em destaque, uma página inteira (comportamento jornalístico não comum) e, desta vez, acompanhado de ilustração do pintor Santa Rosa.

Como exemplo de publicação em página inicial, destaca-se o poema, impresso em forma manuscrita, *Canção amiga* (11 de agosto/1946, n.º 9), que posteriormente faria parte do livro *Novos poemas* (incluído em *Poesia até agora*, 1948).

Quando da publicação, em 1956, da antologia *50 poemas escolhidos pelo autor*, lá aparece novamente a *Canção amiga*. Mas será que este era mesmo um dos seus escolhidos? Leia-se o que pensava Drummond sobre a questão de selecionar este ou aquele texto: *Poemas escolhidos não são, necessariamente, poemas preferidos, pelo menos quando a escolha é feita pelo autor. Aqui se reúnem documentos ilustrativos de preocupações e processos, através de diferentes fases da vida. O selecionador não teve em mira o que lhe agrada, se é que alguma coisa lhe agrada: preferiu informar.* (p.3)

Voltando às páginas do *Suplemento*, passaremos a arrolar os textos drummondianos ali publicados. Lamentavelmente, apenas alguns, porquanto outros se perderam no tempo e ao acaso. Assim, em 1946, no dia 22 de dezembro, no *Suplemento* de número 17, consta o texto *Definições de poesia*, sem contar, nesse ano, a já mencionada *Canção amiga*.

O ano seguinte (1947) foi mais fértil, pois a colaboração de Drummond se dá praticamente o ano todo, à exceção dos meses de fevereiro e outubro. Lá estão: *Areia e vento* (janeiro/nº.18); *A cidade* (março/nº.22); *Inventionismo* (abril/nº.24); *Poesias de A. O. Barnabooth* (tradução, abril/nº.27); *Amargura de Kaestner* (maio/nº.26); *Carta aos que nasceram em maio* (maio/nº.27); *Da ira* (junho/nº.31); *Segredos* (junho/nº.32); *Beira-rio* (julho/nº.33); e *O poeta e a fotografia* (julho/nº.36). Em agosto, conta-se com: *Desaparecimento de Luísa Porto* (poema, nº.37); *O enigma* (nº.38); *Opiniões de Robinson* (nº.39); e *Volta de Bopp* (nº.40). No mês seguinte: *A vida no papel* (nº.42); e *As relações perigosas* (nº.43). Mais: *O fim do mundo em Ubatuba* (nº.44); *Para quem goste de cão* (novembro/nº.52). E, no último mês do ano, *Jardim* (poema, nº.55); *O poeta João Alphonsus* (nº.57); *Presépio* (nº.58); e *A árvore e o homem* (nº.59).

O ano subsequente, 1948, não foi tão abundante em publicações como o anterior, tanto que não se registra a ocorrência de textos nos meses de abril, junho, outubro, novembro e dezembro. Tem-se apenas: *Diálogo a 31* (jan/nº.63) e *Meu companheiro* (nº.64); *Nossa amiga* (fev/nº.66), *O sorvete I e II* (nº.67 e nº.68). O mês de março apresenta o texto *Três poetas europeus* (nº.70). E, em maio, julho e agosto, respectivamente: *Dai de comer aos gatos* (nº.77); *O poeta se diverte* (nº.88); e *Maria Izabel* (nº.91), *Rosário dos homens pretos I e II* (nº.93 e nº.94). Em setembro, publicam-se: *Pessimismo e lucidez* (nº.95); *Esta nossa classe média* (nº.96); *Mineiros e frases* (nº.97). Ainda em março desse mesmo ano, em parceria com Ledo Ivo, Drummond responde a doze perguntas sobre o comportamento do artista diante de si mesmo e de seu tempo: *Falam poetas* (nº.71).

Em 1949, Drummond colabora apenas nos meses de fevereiro, maio e junho: *Poemas de Pedro Salinas* (fev/nº.111); *Perguntas* (poema, fev/nº.113); *Sonho de um diverso romance* (maio/nº.121); *Carta* (poema, maio/nº.122), *Evocação Mariana* (poema, maio/nº.123). Finalmente, o mês de junho nos deu *Quatro livros de Minas* (junho/nº.125). Nesse mesmo mês, com direito à fotografia do Autor, está um trecho de *Confissões de Minas*, cujo título é *Conselho de Carlos Drummond de Andrade*, e mais *Colóquio das estátuas* (nº.124).

O cotejo entre as publicações primeiras (*Suplemento Literário*) e as segundas (*Novos poemas*, *Claro enigma*), para demonstração das 'variantes', está sendo feito em forma de tabela, com duas colunas, uma para cada publicação. Para assinalar as modificações textuais ocorridas, utiliza-se o destaque do negrito e dos colchetes simples. Os textos, na coluna da esquerda, foram os originalmente editados no *Suplemento Literário da Folha do Norte*, e os da direita são os mesmos poemas tal como aparecem, respectivamente, na primeira edição de *Novos poemas*, *apêndice de Poesia até agora* (1948), e na de *Claro enigma* (1951).

Num segundo momento, estabelecem-se confrontos com os textos da primeira edição de *Obra completa*, Companhia Editora Aguilar, 1964, e com a princeps de Reunião, datada de 1969, quando ainda era vivo o Autor, pressupondo-se, portanto, que também tiveram ainda sobre si esses textos os olhos cuidadosos de Drummond. E, para arrematar este estudo, cotejou-se o último lançamento editorial dessa obra poética, pela editora Nova Aguilar, 2002 (edição comemorativa ao centenário do poeta), na qual o estabelecimento do texto é de Gilberto Mendonça Teles; e os seis poemas, agora ali reeditados, conforme os cotejamos e constatamos, estão todos em conformidade com os textos publicados em *Reunião*.

Em todos os textos estudados, cotejados e comparados atualizamos a acentuação gráfica; mantivemos a ortografia original de cada texto; reconstituímos sinais de pontuação (eventualmente omitidos por possíveis falhas de revisão); corrigimos falhas de impressão tipográfica, ortográficas, e mais as gralhas.

ARTE

SUPLEMENTO

LITERARIA

JORNAL DE CRITICA

TRAGÉDIA  
OU  
FARSA?

O ROMANCE  
DA BORRACHA

ALVARO LINS

PAULO ELKUTERIO FILHO

# Folha do Norte

Quinta, 31 de agosto de 1948

Editor: PAULO RUIZIANO

PÁG. 4

O Sr. Paulo Ruiziano tem o hábito de ler o "Folha do Norte" com muita atenção e de fazer muitas perguntas sobre o que se escreve nele. Ele é muito curioso e quer saber tudo o que acontece no mundo da arte e da literatura. Ele quer saber o que os críticos dizem e o que os leitores acham. Ele quer saber tudo o que acontece no mundo da arte e da literatura.

Ele quer saber o que os críticos dizem e o que os leitores acham. Ele quer saber tudo o que acontece no mundo da arte e da literatura. Ele quer saber o que os críticos dizem e o que os leitores acham. Ele quer saber tudo o que acontece no mundo da arte e da literatura.

Ele quer saber o que os críticos dizem e o que os leitores acham. Ele quer saber tudo o que acontece no mundo da arte e da literatura. Ele quer saber o que os críticos dizem e o que os leitores acham. Ele quer saber tudo o que acontece no mundo da arte e da literatura.

*Cantiga antiga*

Eu preparo uma canção  
que que viva mãe se recheia,  
todas as mães se recheiam,  
e que fale como deus eus.

Eu também procuraria  
que passas em vossas grades,  
e não vos vêsse, ao vejo  
o fundo de vossas amígn.

Eu recitáreis um sapô  
e suas palavras caem no serri.  
hoje, já não sei mais,  
há carinhos que se procuram.

Minha vida, nasci e dei  
formei-me em se' diuino, e  
dando a vida a outros.  
Tenho a certeza mais bela.

Eu preparo uma canção  
que faça acordar os bems  
e adormecer os máis.

*Carlos Américo de Azevedo*

Este artigo trata da crítica literária e da importância do leitor. O autor discute o papel do crítico e do leitor na formação da opinião pública sobre a arte e a literatura. Ele também aborda a questão da subjetividade da crítica e a importância de se considerar o contexto histórico e social da obra.

O autor discute o papel do crítico e do leitor na formação da opinião pública sobre a arte e a literatura. Ele também aborda a questão da subjetividade da crítica e a importância de se considerar o contexto histórico e social da obra.

O autor discute o papel do crítico e do leitor na formação da opinião pública sobre a arte e a literatura. Ele também aborda a questão da subjetividade da crítica e a importância de se considerar o contexto histórico e social da obra.

## CANÇÃO AMIGA

## Suplemento Literário

## Novos poemas

Eu preparo uma canção em que minha mãe se reconheça, todas as mães se reconheçam, e que fale como dois olhos.	Eu preparo uma canção em que minha mãe se reconheça, todas as mães se reconheçam, e que fale como dois olhos.	
<b>Eu</b> caminho por uma rua que passa em vários países. Se não me vêem, eu vejo e saúdo velhos amigos.	[ ] Caminho por uma rua que passa em vários países. Se não me vêem, eu vejo e saúdo velhos amigos.	v.5 v.6 v.8
Eu distribuo um segredo como quem ama ou sorri. No jeito mais natural, há carinhos que se procuram.	Eu distribuo um segredo como quem ama ou sorri. No jeito mais natural [ ] há carinhos que se procuram.	v.9 v.12
Minha vida, nossas vidas formam um só diamante. Aprendi novas palavras, tornei <b>as</b> outras mais belas.	Minha vida, nossas vidas formam um só diamante. Aprendi novas palavras, e tornei [ ] outras mais belas.	v.16
Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.	Eu preparo uma canção que faça acordar os homens e adormecer as crianças.	

## Variantes entre publicações

## I

## Suplemento Literário

## Novos poemas

## INCLUSÃO

tornei <b>as</b> outras mais belas.	e tornei outras mais belas.	v. 16
-------------------------------------	-----------------------------	-------

## EXCLUSÃO

<b>Eu</b> caminho por uma rua	[ ] Caminho por uma rua	v.5
tornei <b>as</b> outras mais belas.	E tornei [ ] outras mais belas.	v.16
No jeito mais natural,	No jeito mais natural [ ]	v.11

## II

*Novos poemas**Obra completa (Aguilar)*

## SUBSTITUIÇÃO

que passa em <b>vários</b> países.	que passa em <b>muitos</b> países.	v.6
<b>há</b> carinhos que se procuram.	<b>dois</b> carinhos se procuram.	v.6

## EXCLUSÃO

há carinhos <b>que</b> se procuram.	dois carinhos [ ] se procuram.	v. 12
-------------------------------------	--------------------------------	-------

## III

*Obra completa (Aguilar)**Reunião*

Não há nenhuma alteração
--------------------------



## JARDIM

*Suplemento Literário**Novos poemas*

Negro jardim onde violas soam e o mal da vida em ecos se dispersa: à-toa uma canção envolve os ramos, como a estátua indecisa se reflete	Negro jardim onde violas soam e o mal da vida em ecos se dispersa: à-toa uma canção envolve os ramos, como a estátua indecisa se reflete
no lago há longos anos habitado por peixes não, matéria putrescível, mas por pálidas contas de colares que alguém vai desfiando, olhos vazados	no lago há longos anos habitado por peixes não, matéria putrescível, v.6 mas por pálidas contas de colares que alguém vai desfiando, olhos vazados v.8
e mãos oferecidas e mecânicas, de um vegetal segredo impregnadas, enquanto outras visões se delineiam	e mãos oferecidas e mecânicas, v.10 de um vegetal segredo impregnadas, enquanto outras visões se delineiam
e logo se enovelam: mascarada, que sei de sua essência (ou não a tem) jardim apenas, pétalas, <b>presságios</b> .	e logo se enovelam: mascarada, v.13 que sei de sua essência (ou não a tem), jardim apenas, pétalas, <b>presságio</b> . v.14

## Variantes entre publicações

*Suplemento Literário**Novos poemas*

## I

## SUBSTITUIÇÃO

jardim apenas, pétalas, <b>presságios</b> .	Jardim apenas, pétalas, <b>presságio</b> v.4
---	--

## II

*Novos poemas**Obra completa (Aguilar)*

## SUBSTITUIÇÃO

que alguém vai <b>desfiando</b> , olhos vazados	que alguém vai <b>desatando</b> , olhos vazados v.8
---	---

de um vegetal segredo <b>impregnadas</b> ,	de um vegetal segredo <b>enfeitiçadas</b> , v.10
--	--

## INCLUSÃO

por peixes não, matéria putrescível,	por peixes [ , ] não, matéria putrescível, v.8
--------------------------------------	--

que sei de sua essência (ou não a tem)	que sei de sua essência (ou não a tem) [ , ] v.13
--	---

## III

*Obra completa (Aguilar)**Reunião*

Não há nenhuma alteração
--------------------------



# "Três Alqueires E Uma Vaca"

— Arraudo NENDES —

A produção de leite em Guaiabá, Ceará, alcançou recordes e que não são. Amplificando ainda mais ser produzida em Guaiabá, tem-se, il que a sua lactação alcançou extraordinariamente no período que se seguiu, com o auxílio de técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado. A produção de leite em Guaiabá, Ceará, alcançou recordes e que não são. Amplificando ainda mais ser produzida em Guaiabá, tem-se, il que a sua lactação alcançou extraordinariamente no período que se seguiu, com o auxílio de técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado.

particularmente de leite em geral, a que se concentra aproximadamente em 100 litros por dia. O leite é produzido em Guaiabá, Ceará, alcançou recordes e que não são. Amplificando ainda mais ser produzida em Guaiabá, tem-se, il que a sua lactação alcançou extraordinariamente no período que se seguiu, com o auxílio de técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado.

arruado, enriquecido, por técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado. A produção de leite em Guaiabá, Ceará, alcançou recordes e que não são. Amplificando ainda mais ser produzida em Guaiabá, tem-se, il que a sua lactação alcançou extraordinariamente no período que se seguiu, com o auxílio de técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado.

leite em geral, a que se concentra aproximadamente em 100 litros por dia. O leite é produzido em Guaiabá, Ceará, alcançou recordes e que não são. Amplificando ainda mais ser produzida em Guaiabá, tem-se, il que a sua lactação alcançou extraordinariamente no período que se seguiu, com o auxílio de técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado.

leite em geral, a que se concentra aproximadamente em 100 litros por dia. O leite é produzido em Guaiabá, Ceará, alcançou recordes e que não são. Amplificando ainda mais ser produzida em Guaiabá, tem-se, il que a sua lactação alcançou extraordinariamente no período que se seguiu, com o auxílio de técnicas modernas e de um grupo. Toda a produção é destinada ao consumo local e para exportação para outras partes do Estado.

# POST-MARKXISMO

— Gilberto FREYRE —

(Espical para a FOLHA DO NORTE, neste Estado)

Concedendo uma primeira análise a doutrina que se afirma através da FOLHA DO NORTE DE AMERICA, de Rio de Janeiro, sobre "O Marxismo Brasileiro" vemos uma série de erros e distorções que não são apenas de natureza técnica, mas também de natureza ideológica. O autor, Gilberto Freyre, apresenta uma visão distorcida do marxismo, tratando-o como uma doutrina fechada e imutável, sem espaço para a interpretação e a adaptação às condições locais. Isso é uma simplificação excessiva de uma doutrina que se desenvolveu e se adaptou ao longo da história.

Concedendo uma primeira análise a doutrina que se afirma através da FOLHA DO NORTE DE AMERICA, de Rio de Janeiro, sobre "O Marxismo Brasileiro" vemos uma série de erros e distorções que não são apenas de natureza técnica, mas também de natureza ideológica. O autor, Gilberto Freyre, apresenta uma visão distorcida do marxismo, tratando-o como uma doutrina fechada e imutável, sem espaço para a interpretação e a adaptação às condições locais. Isso é uma simplificação excessiva de uma doutrina que se desenvolveu e se adaptou ao longo da história.

Concedendo uma primeira análise a doutrina que se afirma através da FOLHA DO NORTE DE AMERICA, de Rio de Janeiro, sobre "O Marxismo Brasileiro" vemos uma série de erros e distorções que não são apenas de natureza técnica, mas também de natureza ideológica. O autor, Gilberto Freyre, apresenta uma visão distorcida do marxismo, tratando-o como uma doutrina fechada e imutável, sem espaço para a interpretação e a adaptação às condições locais. Isso é uma simplificação excessiva de uma doutrina que se desenvolveu e se adaptou ao longo da história.

Concedendo uma primeira análise a doutrina que se afirma através da FOLHA DO NORTE DE AMERICA, de Rio de Janeiro, sobre "O Marxismo Brasileiro" vemos uma série de erros e distorções que não são apenas de natureza técnica, mas também de natureza ideológica. O autor, Gilberto Freyre, apresenta uma visão distorcida do marxismo, tratando-o como uma doutrina fechada e imutável, sem espaço para a interpretação e a adaptação às condições locais. Isso é uma simplificação excessiva de uma doutrina que se desenvolveu e se adaptou ao longo da história.

Concedendo uma primeira análise a doutrina que se afirma através da FOLHA DO NORTE DE AMERICA, de Rio de Janeiro, sobre "O Marxismo Brasileiro" vemos uma série de erros e distorções que não são apenas de natureza técnica, mas também de natureza ideológica. O autor, Gilberto Freyre, apresenta uma visão distorcida do marxismo, tratando-o como uma doutrina fechada e imutável, sem espaço para a interpretação e a adaptação às condições locais. Isso é uma simplificação excessiva de uma doutrina que se desenvolveu e se adaptou ao longo da história.

# Desaparecimento De Luisa Porto

(Continuação de 1ª pag)

e os jornais não dormem. Está viva para consolação de quem se arrependeu e trinado garul de amor materno. Não! e do próximo. Nada de insinuações quanto à morte e que não tinha, não tinha nem morto. Algo de extraordinário terá acontecido, impossível, chegada de rei, as ruas mudam de rumo para que demora tanta, é solta. Mas há de voltar, espontânea, ou trazida por mão benigna, e olhar desviado e terno, câncio. A qualquer hora do dia ou da noite Quem a encontrar avise a rua Santa Clara. Não tem telepho. Tem uma empregada velha que apaga o candeeiro e tomará providências. Mas se acharem que a morte do povo é mais importante do que a vida individual, não fechem os olhos e este apelo de campanha, não se deixem enganar e não se deixem enganar. Deus terá compaixão da abandonada e do seu filho. Egressa é, enfim, e os nomes perdidos já se desatam em forma de busca. Deus lhe diga.

e os jornais não dormem. Está viva para consolação de quem se arrependeu e trinado garul de amor materno. Não! e do próximo. Nada de insinuações quanto à morte e que não tinha, não tinha nem morto. Algo de extraordinário terá acontecido, impossível, chegada de rei, as ruas mudam de rumo para que demora tanta, é solta. Mas há de voltar, espontânea, ou trazida por mão benigna, e olhar desviado e terno, câncio. A qualquer hora do dia ou da noite Quem a encontrar avise a rua Santa Clara. Não tem telepho. Tem uma empregada velha que apaga o candeeiro e tomará providências. Mas se acharem que a morte do povo é mais importante do que a vida individual, não fechem os olhos e este apelo de campanha, não se deixem enganar e não se deixem enganar. Deus terá compaixão da abandonada e do seu filho. Egressa é, enfim, e os nomes perdidos já se desatam em forma de busca. Deus lhe diga.

e os jornais não dormem. Está viva para consolação de quem se arrependeu e trinado garul de amor materno. Não! e do próximo. Nada de insinuações quanto à morte e que não tinha, não tinha nem morto. Algo de extraordinário terá acontecido, impossível, chegada de rei, as ruas mudam de rumo para que demora tanta, é solta. Mas há de voltar, espontânea, ou trazida por mão benigna, e olhar desviado e terno, câncio. A qualquer hora do dia ou da noite Quem a encontrar avise a rua Santa Clara. Não tem telepho. Tem uma empregada velha que apaga o candeeiro e tomará providências. Mas se acharem que a morte do povo é mais importante do que a vida individual, não fechem os olhos e este apelo de campanha, não se deixem enganar e não se deixem enganar. Deus terá compaixão da abandonada e do seu filho. Egressa é, enfim, e os nomes perdidos já se desatam em forma de busca. Deus lhe diga.

e os jornais não dormem. Está viva para consolação de quem se arrependeu e trinado garul de amor materno. Não! e do próximo. Nada de insinuações quanto à morte e que não tinha, não tinha nem morto. Algo de extraordinário terá acontecido, impossível, chegada de rei, as ruas mudam de rumo para que demora tanta, é solta. Mas há de voltar, espontânea, ou trazida por mão benigna, e olhar desviado e terno, câncio. A qualquer hora do dia ou da noite Quem a encontrar avise a rua Santa Clara. Não tem telepho. Tem uma empregada velha que apaga o candeeiro e tomará providências. Mas se acharem que a morte do povo é mais importante do que a vida individual, não fechem os olhos e este apelo de campanha, não se deixem enganar e não se deixem enganar. Deus terá compaixão da abandonada e do seu filho. Egressa é, enfim, e os nomes perdidos já se desatam em forma de busca. Deus lhe diga.

e os jornais não dormem. Está viva para consolação de quem se arrependeu e trinado garul de amor materno. Não! e do próximo. Nada de insinuações quanto à morte e que não tinha, não tinha nem morto. Algo de extraordinário terá acontecido, impossível, chegada de rei, as ruas mudam de rumo para que demora tanta, é solta. Mas há de voltar, espontânea, ou trazida por mão benigna, e olhar desviado e terno, câncio. A qualquer hora do dia ou da noite Quem a encontrar avise a rua Santa Clara. Não tem telepho. Tem uma empregada velha que apaga o candeeiro e tomará providências. Mas se acharem que a morte do povo é mais importante do que a vida individual, não fechem os olhos e este apelo de campanha, não se deixem enganar e não se deixem enganar. Deus terá compaixão da abandonada e do seu filho. Egressa é, enfim, e os nomes perdidos já se desatam em forma de busca. Deus lhe diga.

desaparecimento de Luisa Porto, a esta reportagem, é uma notícia muito interessante. A história de Luisa Porto é uma história de amor e de sacrifício. Ela foi abandonada por seu marido, mas não se deixou derrotar. Ela continua viva e luta por sua liberdade e por sua dignidade. A reportagem destaca a importância de não se deixar enganar e de lutar por seus direitos. A história de Luisa Porto é um exemplo de coragem e de resistência. Ela nos ensina que, mesmo em situações difíceis, é possível encontrar a força necessária para superar as adversidades. A reportagem também destaca a importância de não se deixar enganar e de lutar por seus direitos. A história de Luisa Porto é um exemplo de coragem e de resistência. Ela nos ensina que, mesmo em situações difíceis, é possível encontrar a força necessária para superar as adversidades.

## DESAPARECIMENTO DE LUÍSA PORTO

## Suplemento Literário

## Novos poemas

<p>Pede-se a quem souber do paradeiro de Luísa Porto avise sua residência à rua Santos Óleos, 48.</p>	<p>Pede-se a quem souber do paradeiro de Luísa Porto avise sua residência à rua Santos Óleos, 48.</p>	v.4
<p>Avise urgente solitária mãe enferma entrevada há longos anos, erma de seus cuidados.</p>	<p>Avise urgente solitária mãe enferma entrevada há longos anos, erma de seus cuidados.</p>	v.5
<p>Pede-se a quem avistar Luísa Porto, de <b>trinta e sete</b> anos, que apareça que escreva, e que mande dizer onde está.</p>	<p>Pede-se a quem avistar Luísa Porto, de <b>37</b> anos, que apareça, que escreva, [ ] que mande dizer onde está.</p>	v.10
<p>Suplica-se ao <b>repórter amador</b>, ao caixeiro, ao mata mosquitos, ao transeunte, a qualquer do povo e das classes médias, até mesmo aos senhores ricos, que tenham pena de mãe aflita e lhe restituam a filha volatilizada ou pelo menos dêem informações.</p>	<p>Suplica-se ao <b>repórter-amador</b>, ao caixeiro, ao <b>mata-mosquitos</b>, ao transeunte, a qualquer do povo e das classes médias, até mesmo aos senhores ricos, que tenham pena de mãe aflita e lhe restituam a filha volatilizada ou pelo menos dêem informações.</p>	v.13
<p>É alta, magra, morena, rosto penugento, dentes alvos, sinal de nascença junto do olho esquerdo, levemente estrábica.</p>	<p>É alta, magra, morena, rosto penugento, dentes alvos, sinal de nascença junto ao olho esquerdo, levemente estrábica.</p>	v.22
<p>Vestidinho simples. Óculos. Sumida há três meses. Mãe entrevada chamando.</p>	<p>Vestidinho simples. Óculos. Sumida há três meses. Mãe entrevada chamando.</p>	
<p>Roga-se ao povo caritativo desta cidade que tome em consideração um caso de família digno de simpatia especial, Luísa é de bom gênio, correta, meiga, trabalhadora, religiosa. Foi fazer compras na feira da praça. Não voltou.</p>	<p>Roga-se ao povo caritativo desta cidade que tome em consideração um caso de família digno de simpatia especial. Luísa é de bom gênio, correta, meiga, trabalhadora, religiosa. Foi fazer compras na feira da praça. Não voltou.</p>	
<p>Levava pouco dinheiro consigo. (Procurem Luísa). de ordinário não se demorava. (Procurem Luisa). Namorado isso não tinha. (Procurem. Procurem). Faz tanta falta.</p>	<p>Levava pouco dinheiro consigo. (Procurem Luísa). De ordinário não se demorava. (Procurem Luísa). Namorado isso não tinha. (Procurem. Procurem). Faz tanta falta.</p>	v.33
<p>Se todavia não a encontrarem nem por isso deixem de procurar</p>	<p>Se todavia não a encontrarem* nem por isso deixem de procurar</p>	v.35
		v. 40

<p>com obstinação e confiança que <b>sempre</b> [Deus recompensa e talvez encontrem. Mãe, viúva pobre, não perde esperança. Luísa ia pouco à cidade e aqui no bairro é onde melhor pode ser pesquisada.</p> <p>Sua maior amiga, depois da mãe enferma, é Rita <b>Sant'Ana</b>, costureira, moça desimpedida, a qual não dá notícia nenhuma, limitando-se a responder: Não sei. O que não deixa de ser <b>um tanto</b> exquisito.</p> <p>Somem tantas pessoas <b>diariamente</b> numa cidade como o Rio de Janeiro que talvez Luísa Porto jamais seja encontrada. Uma vez, em 1898 ou 9, sumiu o próprio chefe de polícia que saíra à tarde para uma volta no largo do Rocio e até hoje. A mãe de Luísa, <b>ainda</b> jovem, leu no "Diário Mercantil", ficou pasma. O jornal embrulhado na memória. Mal sabia ela que o casamento curto, a viuvez, a pobreza, a paralisia, o queixume seriam, na vida, seu lote e que sua única filha, afável, posto que estrábica, se dispersaria sem explicação.</p> <p>Pela última vez e em nome de Deus <b>Todo Poderoso</b> e cheio de misericórdia procurem a moça, procurem essa que se chama Luísa Porto e é sem namorado. Esqueçam a luta política, ponham de lado preocupações comerciais, percam um pouco de tempo indagando, <b>perquirindo</b>, remexendo. Não se arrependarão. Não há gratificação maior do que o sorriso de mãe em festa e a paz íntima conseqüente às boas e desinteressadas ações, puro orvalho da alma.</p> <p>Não me venham dizer que Luísa <b>se suicidou</b>. O santo lume da fé ardeu sempre em sua alma que pertence a Deus e a Teresinha do Menino Jesus. Ela não se matou. Procurem-na. Tampouco foi vítima de desastre que a polícia ignora e os jornais não deram. Está viva para consolo de uma entrevada</p>	<p>com obstinação e confiança que Deus <b>[sempre</b> recompensa v.43 e talvez encontrem. Mãe, viúva pobre, não perde <b>[a]</b> esperança. v.45 Luísa ia pouco à cidade e aqui no bairro é onde melhor pode ser pesquisada.</p> <p>Sua maior amiga, depois da mãe enferma, v.48 é Rita <b>Santana</b>, costureira, moça desimpedida, v.49 a qual não dá notícia nenhuma, limitando-se a responder: Não sei. O que não deixa de ser <b>[ ]</b> exquisito. v.52</p> <p>Somem tantas pessoas <b>anualmente</b> v.53 numa cidade como o Rio de Janeiro que talvez Luísa Porto jamais seja encontrada. Uma vez, em 1898 ou 9, sumiu o próprio chefe de polícia que saíra à tarde para uma volta no largo do Rocio v.59 e até hoje. A mãe de Luísa, <b>então</b> jovem, v.61 leu no "Diário Mercantil", v.62 ficou pasma. O jornal embrulhado na memória. Mal sabia ela que o casamento curto, a viuvez, a pobreza, a paralisia, o queixume seriam, na vida, seu lote e que sua única filha <b>[ ]</b> afável, posto que estrábica, v.68 se dispersaria sem explicação.</p> <p>Pela última vez e em nome de Deus <b>todo poderoso</b> e cheio de misericórdia v.71 procurem a moça, procurem essa que se chama Luísa Porto e é sem namorado. Esqueçam a luta política, ponham de lado preocupações comerciais, percam um pouco de tempo indagando, <b>inquirindo</b>, remexendo. v.78 Não se arrependarão. Não há gratificação maior do que o sorriso de mãe em festa e a paz íntima conseqüente às boas e desinteressadas ações, puro orvalho da alma.</p> <p>Não me venham dizer que Luísa <b>suicidou-se</b>. v.85 O santo lume da fé ardeu sempre em sua alma que pertence a Deus e a Teresinha do Menino Jesus. Ela não se matou. Procurem-na. Tampouco foi vítima de desastre que a polícia ignora e os jornais não deram. Está viva para consolo de uma entrevada</p>
---	---

e triunfo geral do amor materno,  
filial  
e do próximo.  
Nada de insinuações quanto à moça casta  
e que não tinha, não tinha namorado.

Algo de extraordinário terá acontecido,  
terremoto, chegada de rei,  
as ruas mudaram de rumo,  
para que demore tanto, é noite.  
Mas há de voltar, espontânea,  
ou trazida por mão benigna,  
o olhar desviado e terno,  
canção.

A qualquer hora do dia ou da noite  
quem a encontrar avise à rua Santos Óleos.  
Não tem telefone.  
Tem uma empregada velha que apanha o recado  
e tomará providências.

Mas  
se acharem que a sorte dos povos é mais  
[importante,  
**se** não devemos **reparar** nas dores individuais,  
se fecharem ouvidos a este apelo de campainha,  
não faz mal, insultem a mãe de Luísa,  
virem a página:  
Deus terá compaixão da abandonada e da ausente,  
erguerá a enferma, e os membros perclusos  
já se desatam em forma de busca.  
Deus lhe dirá:  
Vai,  
procura tua filha, beija-a e fecha-a para  
[sempre em teu coração.

Ou talvez **nem** seja preciso esse favor divino.  
A mãe de Luísa (somos pecadores)  
sabe-se indigna de tamanha graça.  
E resta a espera, que sempre é um dom.  
Sim, os extraviados um dia regressam  
ou nunca, ou pode ser, ou ontem.  
E de pensar realizamos.  
Quer apenas sua filhinha  
que numa tarde remota de Cachoeiro  
acabou de nascer e cheira a leite,  
a cólica, a lágrima.  
Já não interessa a descrição do corpo  
nem esta, perdoem, fotografia,  
disfarces de realidade mais intensa  
e que anúncio algum proverá.  
Cessem pesquisas, rádios calai-vos.  
Calma de flores abrindo  
no canteiro azul  
onde desabrocham seios e uma forma de virgem  
intacta nos tempos.  
E de sentir compreendemos.

e triunfo geral do amor materno,  
filial  
e do próximo.

Nada de insinuações quanto à moça casta  
e que não tinha, não tinha namorado.  
Algo de extraordinário terá acontecido,  
terremoto, chegada de rei,  
as ruas mudaram de rumo,  
para que demore tanto, é noite.  
Mas há de voltar, espontânea,  
ou trazida por mão benigna,  
o olhar desviado e terno,  
canção.

A qualquer hora do dia ou da noite  
quem a encontrar avise à rua Santos Óleos.  
Não tem telefone.  
Tem uma empregada velha que apanha o recado  
e tomará providências.

Mas  
se acharem que a sorte dos povos é mais importante  
**e que** não devemos **atentar** nas dores individuais, v.117  
se fecharem ouvidos a este apelo de campainha,  
não faz mal, insultem a mãe de Luísa,  
virem a página:  
Deus terá compaixão da abandonada e da ausente,  
erguerá a enferma, e os membros perclusos  
já se desatam em forma de busca.  
Deus lhe dirá:  
Vai,  
procura tua filha, beija-a e fecha-a para  
[sempre em teu coração.

Ou talvez **não** seja preciso esse favor divino. v.127  
A mãe de Luísa (somos pecadores)  
sabe-se indigna de tamanha graça.  
E resta a espera, que sempre é um dom.  
Sim, os extraviados um dia regressam  
ou nunca, ou pode ser, ou ontem.  
E de pensar realizamos.  
Quer apenas sua filhinha  
que numa tarde remota de Cachoeiro  
acabou de nascer e cheira a leite,  
a cólica, a lágrima.  
Já não interessa a descrição do corpo  
nem esta, perdoem, fotografia,  
disfarces de realidade mais intensa  
e que anúncio algum proverá.

Cessem pesquisas, rádios [ , ] calai-vos. v.142  
Calma de flores abrindo  
no canteiro azul  
onde desabrocham seios e uma forma de virgem  
intacta nos tempos.  
E de sentir compreendemos.

Já não adianta procurar minha querida filha Luísa que enquanto vagueio pelas cinzas do mundo com inúteis pés fixados, enquanto sofro e sofrendo me solto e me recomponho e torno a viver e ando, está inerte cravada no centro da estrela invisível Amor.	Já não adianta procurar minha querida filha Luísa que enquanto vagueio pelas cinzas do mundo com inúteis pés fixados, enquanto sofro e sofrendo me solto e me recomponho e torno a viver e ando, está inerte cravada no centro da estrela invisível Amor.
---	---

\* Provável falha de impressão no tocante à configuração estrófica, em *Novos poemas*.

De *Novos poemas para Aguilar*, ocorrem falhas na configuração estrófica: v.26 foi deslocado da 2ª. para a 3ª. estrofe; provável erro de impressão no final da 4ª. estrofe, em *Novos poemas*, onde aparece retrocedido o v.41, que deveria ser o 1º. da 5ª. estrofe; provável erro de impressão, em *Aguilar*, no meio da 11ª. estrofe, com espaçamento estrófico indevido entre os vv. 117 e 118; em *Reunião*, por provável correção feita pelo Autor, o v.26 reaparece colocado como verso final da 2ª. estrofe.

### Variantes entre publicações

#### I

*Suplemento Literário*

*Novos poemas*

#### SUBSTITUIÇÃO

Luísa Porto, de <b>trinta e sete</b> anos,	Luísa Porto, de <b>37</b> anos,	v.10
Suplica-se ao <b>repórter</b> amador,	Suplica-se ao <b>repórter-amador</b> ,	v.13
ao caixeiro, ao <b>mata mosquito</b> , ao transeunte,	ao caixeiro, ao <b>mata-mosquito</b> , ao transeunte,	v.14
sinal de nascença junto <b>do</b> olho esquerdo,	sinal de nascença junto <b>ao</b> olho esquerdo,	v.22
é Rita <b>Sant'Ana</b> , costureira, moça desimpedida,	é Rita <b>Santana</b> , costureira, moça desimpedida,	v.49
Somem tantas pessoas <b>diariamente</b>	Somem tantas pessoas <b>anualmente</b>	v.53
A mãe de Luísa, <b>ainda</b> jovem,	A mãe de Luísa, <b>então</b> jovem,	v.61
<b>Todo Poderoso</b> e cheio de misericórdia	<b>Todo poderoso</b> e cheio de misericórdia	v.71
<b>perquirindo</b> , remexendo.	<b>inquirindo</b> , remexendo.	v.78
Não me venham dizer que Luísa <b>se</b> suicidou.	Não me venham dizer que Luísa <b>suicidou-se</b> .	v.85
<b>se</b> não devemos <b>reparar</b> nas dores individuais	<b>e que</b> não devemos <b>atentar</b> nas dores individuais	v.117
Ou talvez <b>nem</b> seja preciso esse favor divino.	Ou talvez <b>não</b> seja preciso esse favor divino.	v.127

#### INCLUSÃO

Mãe, viúva pobre, não perde esperança.	Mãe, viúva pobre, não perde <b>[a]</b> esperança.	v.45
Cessem pesquisas, rádios calai-vos.	Cessem pesquisas, rádios <b>[ , ]</b> calai-vos.	v.142

#### EXCLUSÃO

que apareça, que escreva, <b>e</b> que mande dizer	que apareça, que escreva, <b>[ ]</b> que mande dizer	v.11
O que não deixa de ser <b>um tanto</b> exquísito.	O que não deixa de ser <b>[ ]</b> exquísito.	v.52

e que sua única filha, afável, posto que [estrábica,	e que sua única filha, afável [ ] posto que estrábica,	v.68
se acharem que a sorte dos povos é mais importante,	se acharem que a sorte dos povos é mais importante [ ]	v.116

## INVERSÃO

com obstinação e confiança que <b>sempre</b> [Deus recompensa	Com obstinação e confiança que Deus <b>sempre</b> [recompensa	v. 43
--	--	-------

## DESLOCAMENTO DE PONTUAÇÃO

(Procurem Luísa) .	(Procurem Luísa.)	v.34
(Procurem Luísa) .	(Procurem Luísa.)	v.36

## II

## Novos poemas

## Obra completa (Aguilar)

## SUBSTITUIÇÃO

à rua Santos Óleos,	à Rua Santos Óleos, 48.	v.4
Suplica-se ao <b>repórter</b> <b>amador</b> ,	Suplica-se ao <b>repórter-amador</b> ,	v.13
ao caixeiro, ao <b>mata mosquito</b> , ao transeunte,	ao caixeiro, ao <b>mata-mosquito</b> , ao transeunte,	v.14
a qualquer do povo e <b>das classes médias</b> ,	a Qualquer do povo e <b>da classe média</b> ,	v.15
Levava pouco dinheiro <b>consigo</b> .	Levava pouco dinheiro <b>na bolsa</b> .	v.33
Sua <b>maior</b> amiga, depois da mãe enferma,	Sua <b>melhor</b> amiga, depois da mãe enferma,	v.48
que saíra à tarde para uma volta no largo do Rocio	que saíra à tarde para uma volta no Largo do Rocio	v.59
se <b>dispersaria</b> sem explicação.	se <b>diluiria</b> sem explicação.	v.69
<b>Todo poderoso</b> e cheio de misericórdia	<b>todo-poderoso</b> e cheio de misericórdia	v.71
<b>Intacta</b> nos tempos.	<b>Intata</b> nos tempos.	v.146
Quem a encontrar avise à rua Santos Óleos.	quem a encontrar avise à Rua Santos Óleos.	v.109

## EXCLUSÃO

mas há de voltar, espontânea ,	mas há de voltar, espontânea [ ]	v.104
--------------------------------	----------------------------------	-------

## CONFIGURAÇÃO GRÁFICA

leu no "Diário Mercantil",	leu no <i>Diário Mercantil</i> ,	v.62
----------------------------	----------------------------------	------

## DESLOCAMENTO DE PONTUAÇÃO

(Procurem. Procurem) .	(Procurem. Procurem.)	v.35
------------------------	-----------------------	------

## III

*Obra completa* Aguilar*Reunião*

## INCLUSÃO

Se todavia não a encontrarem	Se [,] todavia [,] não a encontrarem	v.40
------------------------------	--------------------------------------	------

O primeiro verso dos três textos de *Novos poemas* inicia-se no meio da linha, diferindo, portanto, das outras apresentações. É isto, apenas, um dado de configuração, provavelmente editorial. Já a publicação da editora Aguilar *optou* pela caixa alta na primeira ou nas primeiras palavras do primeiro verso de cada poema. Finalmente, em *Reunião*, o destaque é o negrito que evidencia letra inicial, ou também verso inicial de cada poema.

# SUPLEMENTO

## ARTE | Folha do Norte | LITERATURA

Para Estão

Domingo, 15 de maio de 1943

N.º 122

### ESTILO E LITERATURA

JOÃO GASPAR SIMÕES

Introdução. E é, por isso, com a leitura de dois volumes — *Estilo e Literatura* para a FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943. ... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

## EVOCAÇÃO MARIANA

*É agitado no universo a palmar. Os últimos, amarelados.  
Maná puerca cheiro. Logo depois do dia.  
Sob o luar fraco, um tremor acuminado  
Igorar as ânsias e a guerra em 1943!!  
Redempção.*

*Em poder compasso o movimento de uma  
cunha de lâminas e do feno.  
Sobre um perfil abdo,  
contemplando as ondas, minucioso e lento, de momento,  
previdente.*

*Plano, não se paralisar...  
desempenhando de giro o vazio desfilado  
Igorar sempre o lado oposto à terra do mundo, no depois do morto, em companhia do vivo!  
e deixar o mundo sempre desolado — o mundo, sempre —  
desolado.*

*De um lado o mundo e o outro o mundo,  
vervo de sempre entre o mundo e o mundo, o mundo,  
Redempção*

*— CARLOS ODOMARDO DA FERRAZ*

## O PINI OR SILVA

Roberto Braga

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

... a propósito da *Introdução* e da *Introdução* de *Estilo e Literatura*, de João Gaspar Simões, publicado pela FOLHA DO NORTE, em 1943.

## EVOCAÇÃO MARIANA

*Suplemento Literário**Claro enigma*

<p>A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. Havia poucas flores. Eram flores de horta. Sob a luz fraca, na sombra esculpida (quais as imagens e quais os fiéis?) ficávamos.</p> <p>Do padre cansado o murmúrio de reza subia às tábuas do forro, batia no púlpito seco, entranhava-se na onda, minúscula e <b>lenta</b>, de incenso, perdia-se.</p> <p>Não, não se perdia... Desatava-se do coro a música deliciosa (que <b>espero ainda</b> ouvir à hora da morte, [ou depois da morte, nas campinas do ar e dessa música surgiam meninas a alvura mesma cantando.</p> <p>De seu peso terrestre a nave libertada, como do tempo atroz imunes nossas almas, flutuávamos no canto matinal, sobre a treva do vale.</p>	<p>A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes. Havia poucas flores. Eram flores de horta. Sob a luz fraca, na sombra esculpida (quais as imagens e quais os fiéis?) ficávamos.</p> <p>Do padre cansado o murmúrio de reza subia às tábuas do forro, Batia no púlpito seco, entranhava-se na onda, minúscula e <b>forte</b>, de incenso, v.9 perdia-se.</p> <p>Não, não se perdia... Desatava-se do côro a música deliciosa (que <b>esperas [ ]</b> ouvir à hora da morte, ou [depois da morte, nas campinas do ar v.13 e dessa música surgiam meninas a alvura mesma cantando.</p> <p>De seu peso terrestre a nave libertada, como do tempo atroz imunes nossas almas, flutuávamos no canto matinal, sobre a treva do vale.</p>
--	--

## Variantes entre publicações

*Suplemento Literário**Claro enigma*

## SUBSTITUIÇÃO

Entranhava-se na onda, minúscula e <b>lenta</b> , [de incenso,	Entranhava-se na onda, minúscula e <b>forte</b> , de [ incenso, v.9
(que <b>espero</b> ainda ouvir à hora da morte, [ou depois da morte, nas campinas do ar)	(que <b>esperas</b> ouvir à hora da morte, ou depois [da morte, nas campinas do ar) v.13

## EXCLUSÃO

(que <b>espero</b> ainda ouvir à hora da morte, [ou depois da morte, nas campinas do ar)	(que <b>esperas [ ]</b> ouvir à hora da morte, [ou depois da morte, nas campinas do ar) v.13
--	--

## II

*Claro enigma**Obra completa (Aguilar)*

Não há nenhuma alteração
--------------------------

## III

*Obra completa (Aguilar)**Reunião*

Não há nenhuma alteração
--------------------------

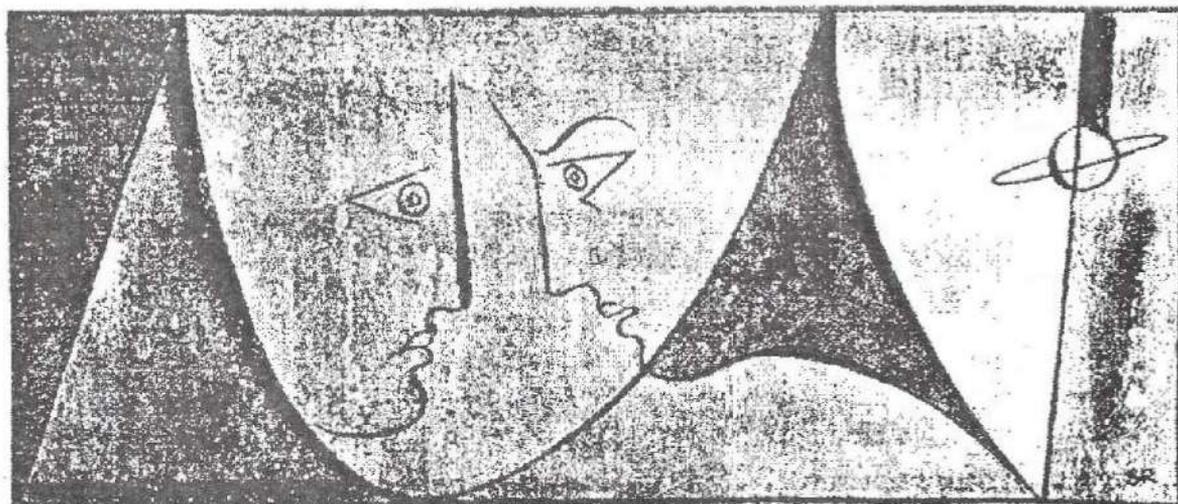


Ilustração de SANTA ROSA

# PERGUNTAS

EM CERTA HORA FRIA  
 PERGUNTEI AO FANTASMA  
 QUE FORÇA NOS PRENDIA,  
 ELE A MIM, QUE PRESUMO  
 ESTAR LIVRE DE TUDO.  
 EU A ELE, GASOSO,  
 TODAVIA PALPAVEL  
 NA SOMBRA QUE PROJETA  
 SOBRE MEU SER INTEIRO;  
 UM AO OUTRO, CATIVOS  
 DESSE MESMO PRINCÍPIO  
 OU DESSE MESMO ENIGMA  
 QUE DISTRAI E REUNE  
 OU CONVERGE E MATIZA  
 E PROLONGA NO ESPAÇO  
 UMA ANGÚSTIA DO TEMPO

PERGUNTEI-LHE EM SEGUIDA  
 O SEGRÉDO DE NOSSO  
 CONVÍVIO E A RAZÃO  
 DE ESTARMOS ALI QUEDOS,  
 EU DIANTE DO ESPELHO  
 E O ESPELHO DEVOLVENDO  
 UMA IMAGEM DIVERSA  
 E PARECIDA SEMPRE  
 COM O PRIMEIRO RETRATO  
 QUE COMPÕE DE SI MESMA  
 A ALMA PREDESTINADA  
 A UM TIPO DE AVENTURA  
 TERRESTRE E COTIDIANA.

PERGUNTEI-LHE DEPOIS  
 PORQUE ASSIM INSISTIA  
 NOS MARES MAIS EXIGUOS  
 EM PASSEAR NAVIOS  
 DE CALADO IRREAL

SEM ROTA OU PENSAMENTO  
 DE ATINGIR QUALQUER PORTO,  
 PROPÍCIOS AO NAUFRÁGIO  
 MAIS QUE A NAVEGAÇÃO;  
 NOS SECOS ALCANTIS  
 DE MEU SERRO NATAL  
 HÁ MUITO DERRUIDO.  
 EM ACORDAR MEMÓRIAS  
 DE VAQUEIROS E VOZES,  
 MAGRAS RÊSES, CAMINHOS  
 ONDE A BOSTA DE VACA  
 É ÚNICO ORNAMENTO,  
 E O COQUEIRO-DE-ESPINHO  
 DESOLADO SE ALTEIA.

PERGUNTEI-LHE POR FIM  
 A RAZÃO SEM RAZÃO  
 DE ME INCLINAR AFLITO  
 SOBRE RESTOS DE RESTOS,  
 DE ONDE NENHUM ALENTO  
 VEM REFRESCAR A FEBRE  
 DESTE REPENSAMENTO;  
 SOBRE UM CHÃO DE RUINAS  
 IMOVEIS, MILITARES  
 NA SUA RIGIDEZ  
 QUE O ORVALHO MATUTINO  
 JÁ NÃO BANHA OU CONFORTA.

NO VÃO QUE DESPERE  
 SILENTE E CIRCUNSPECTO,  
 RUMO DA ETERNIDADE,  
 ELE APENAS RESPONDE  
 (SE ACASO É RESPONDER  
 A MISTÉRIOS, SOMAR  
 UM MISTÉRIO MAIS ALTO):  
 AMAR, DEPOIS DE PERDER

— CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE —

## PERGUNTAS \*

## Suplemento Literário

## Claro enigma

<p><b>Em certa</b> hora fria  perguntei ao fantasma  que força nos prendia,  ele a mim, que presumo  estar livre de tudo,  eu a ele, gasoso,  todavia palpável  na sombra que projeta  sobre meu ser inteiro:  um ao outro, cativos  desse mesmo princípio  ou desse mesmo enigma  que distrai <b>e reúne</b>  <b>ou converge</b> e matiza  <b>e prolonga</b> no espaço,  uma angústia do tempo.</p>	<p><b>Numa incerta</b> hora fria  perguntei ao fantasma  que força nos prendia,  ele a mim, que presumo  estar livre de tudo,  eu a ele, gasoso,  todavia palpável  na sombra que projeta  sobre meu ser inteiro:  um ao outro, cativos  desse mesmo princípio  ou desse mesmo enigma  que distrai <b>ou concentra</b>  <b>e renova</b> e matiza,  <b>prolongando-a</b> no espaço,  uma angústia do tempo.</p>	v.1
<p>Perguntei-lhe em seguida  o segredo de nosso  convívio <b>e a razão</b>  de estarmos ali quedos,  eu <b>diante</b> do espelho  e o espelho devolvendo  uma <b>imagem diversa</b>  <b>e</b> parecida sempre  <b>com o</b> primeiro retrato  que compõe de si mesma  a alma predestinada  a um tipo de aventura  terrestre <b>e</b> cotidiana.</p>	<p>Perguntei-lhe em seguida  o segredo de nosso  convívio <b>sem contacto</b>,  de estarmos ali quedos,  eu <b>em face</b> do espelho,  e o espelho devolvendo  uma <b>diversa imagem</b>  <b>mas</b> parecida sempre  <b>ao</b> primeiro retrato  que compõe de si mesma  a alma predestinada  a um tipo de aventura  terrestre <b>[,]</b> cotidiana.</p>	v.13
<p>Perguntei-lhe depois  por que <b>assim</b> insistia  nos mares mais exíguos  em <b>passear</b> navios  <b>de</b> calado irreal,  sem rota ou pensamento  de atingir qualquer porto,  propícios <b>ao</b> naufrágio  mais que a navegação;  nos <b>secos</b> alcantis  de meu serro natal,  <b>há</b> muito derruído,  em acordar memórias  de vaqueiros e vozes,  magras reses, caminhos  onde a bosta de vaca  é único ornamento,  e o coqueiro-de-espinho  desolado se alteia.</p>	<p>Perguntei-lhe depois  por que <b>tanto</b> insistia  nos mares mais exíguos  em <b>distribuir</b> navios  <b>desse</b> calado irreal,  sem rota ou pensamento  de atingir qualquer porto,  propícios <b>a</b> naufrágio  mais que a navegação;  nos <b>frios</b> alcantis  de meu serro natal,  <b>desde</b> muito derruído,  em acordar memórias  de vaqueiros e vozes,  magras reses, caminhos  onde a bosta de vaca  é único ornamento,  e o coqueiro-de-espinho  desolado se alteia.</p>	v.14
		v.15
		v.19
		v.21
		v.23
		v.24
		v.25
		v.29
		v.30
		v.33
		v.34
		v.39
		v.41

Perguntei-lhe por fim a razão sem razão de me inclinar aflito sobre restos de restos, de onde nenhum alento vem refrescar a febre deste repensamento; sobre <b>um</b> chão de ruínas imóveis, militares na sua rigidez que o orvalho matutino já não banha ou conforta.	Perguntei-lhe por fim a razão sem razão de me inclinar aflito sobre restos de restos, de onde nenhum alento vem refrescar a febre deste repensamento; sobre <b>esse</b> chão de ruínas imóveis, militares na sua rigidez que o orvalho matutino já não banha ou conforta.	v.56
No vôo que desfere silente e <b>circunspecto</b> , rumo da eternidade, ele apenas responde (se acaso é responder a mistérios, <b>somar</b> um mistério mais alto): Amar, depois de perder.	No vôo que desfere silente e <b>melancólico</b> , rumo da eternidade, ele apenas responde (se acaso é responder a mistérios, <b>somar-lhes</b> um mistério mais alto): <i>Amar, depois de perder.*</i>	v.62 v.66 v.68

\* No *Suplemento Literário*, os versos deste poema aparecem impressos em caixa alta; a partir de *Claro enigma*, o último verso do poema está deslocado da estrofe, com espaçamento maior, e em itálico.

### Variantes entre publicações

#### I

#### *Suplemento Literário*

#### *Claro enigma*

#### SUBSTITUIÇÃO

Em certa hora fria	Numa incerta hora fria	v.1
que distrai e reúne	que distrai ou concentra	v.13
ou converge e matiza,	e renova e matiza,	v.14
e prolonga no espaço,	prolongando-a no espaço,	v.15
convívio e a razão	convívio sem contacto,	v.19
eu diante do espelho,	eu em face do espelho	v.21
e parecida sempre	mas parecida sempre	v.24
com o primeiro retrato	Ao primeiro retrato	v.25
terrestre e cotidiana	terrestre , cotidiana	v.30
porque assim insistia	porque tanto insistia	v.31
em passear navios	em distribuir navios	v.33
de calado irreal,	desse calado irreal,	v.34
propícios ao naufrágio	propícios a naufrágio	v.37
Nos secos alcantis	Nos frios alcantis	v.39

há muito derruído	desde muito derruído	v.41
sobre <b>um</b> chão de ruínas	sobre <b>esse</b> chão de ruínas	v.56
silente e <b>circumspecto</b> ,	silente e <b>melancólico</b> ,	v.62
a mistérios, <b>somar</b>	A mistérios, <b>somar-lhes</b>	v.66

## INCLUSÃO

ou converge e matiza	ou converge e matiza [ , ]	v.14
convívio e a razão	convívio sem contato [ , ]	v.19
no vôo que desfere	no vôo que desfere [ , ]	v.61

## INVERSÃO

uma <b>imagem diversa</b>	uma <b>diversa imagem</b>	v.23
---------------------------	---------------------------	------

## CONFIGURAÇÃO GRÁFICA

Amar, depois de perder.	<i>Amar, depois de perder.</i>	v.68
-------------------------	--------------------------------	------

## II

*Claro enigma**Obra completa (Aguilar)*

## SUBSTITUIÇÃO

mas <b>parecida</b> sempre	mas sempre <b>evocativa</b>	v.24
<b>ao</b> primeiro retrato	<b>do</b> primeiro retrato	v.25

## INVERSÃO

mas parecida <b>sempre</b> ,	mas <b>sempre</b> evocativa,	v.24
------------------------------	------------------------------	------

## III

*Obra completa**Reunião*

## INCLUSÃO

É único ornamento,	é <b>o</b> único ornamento,	v.46
--------------------	-----------------------------	------

## VARIANTE ORTOGRÁFICA

convívio sem <b>contacto</b> ,	convívio sem <b>contato</b> ,	v.19
--------------------------------	-------------------------------	------





## Variantes entre publicações

## I

*Suplemento Literário**Claro enigma*

## SUBSTITUIÇÃO

(ainda não é perfeita),]	(inda não é perfeita)	v.23
Vai se tornando o tempo	Vai-se tornando o tempo	v.28

## INCLUSÃO

faz ler nos corações	v.23	faz ler nos corações [ , ]	v.24
que era grato e absurdo		que era grato e era absurdo	v.36

## EXCLUSÃO

ou ainda menos, pó,	[ ] ainda menos, pó,	v.45
---------------------	----------------------	------

## INVERSÃO

iria ela contando	ela iria contando	v.8
-------------------	-------------------	-----

## ALTERAÇÃO NA ORDEM DOS VERSOS

faz ler nos corações	v.23	faz ler nos corações	v.24
----------------------	------	----------------------	------

## II

*Claro enigma**Obra completa (Aguilar)*

## SUBSTITUIÇÃO

Quisera escrever uma	Bem quisera escrevê-la	v.1
----------------------	------------------------	-----

## INCLUSÃO

Quisera escrever uma	Bem quisera escrevê-la	v.1
----------------------	------------------------	-----

## III

*Obra completa (Aguilar)**Reunião*

Não há nenhuma alteração
--------------------------

## Considerações finais

As variantes lexicais representadas por uma só palavra (isoladas) ou por mais de uma, porém contíguas (grupadas), que se percebe claramente serem umas mais concretas do que outras, acabam gerando alterações conteudísticas, textuais e contextuais entre os *escritos*<sup>1</sup> referidos supra e confrontados, registrando-se desde simples mudanças ortográficas até inclusões ou exclusões de sinais de pontuação (visando isso, talvez, eliminar o rigorismo ortodoxo daqueles marcadores frasais), bem como a reinclusão de outros para evidenciar modos de expressão mais livres, fugindo ao rigor da norma gramatical e buscando cada vez mais a leveza do texto. O autor, também, da mesma forma e com a mesma naturalidade, funde itens lexicais, num processo, digamos, de aglutinar palavras. O fato é que nesse puxa e repuxa vocábulos, Drummond aproxima a expressão literária da fala coloquial, mescla o erudito com o popular, sintetiza formas, sincretiza estilos; substitui elementos preposicionais, usando da liberdade de emprego das preposições; troca de classes gramaticais. Do mesmo modo que, formas adverbiais e adjetivais, ao serem permutadas por outras, dão não só um tom mais brando às palavras, mas também ampliam a dimensão do significado lexical dentro do texto como um todo, uma vez que, semanticamente, muitas das lexias substituídas prendem-se ao mesmo campo de significação. Em um único caso se constatou em uma palavra de um verso a preferência pela forma singular, em vez do plural, dando mais força ao jogo verbal no seio do poema, tornando-o, com efeito, mais singular. Também as alterações de formas e tempos verbais, quando ocorrem, dão movimento ao texto; assim como, em outro momento, o verbo dá lugar ao numeral, criando um outro efeito poético; o oral se mistura ao escrito, num processo, digamos, fono-gráfico; a mudança posicional de lexias dá ao poema um outro colorido, bem mais harmônico, ou ainda, os recursos poéticos conferem ao verso mais precisão métrica e rítmica. Isso tudo não implica dizer que o cunho literário das lexias desaparece, embora permutado sempre pela forma mais coloquial, menos tensa.

Além desse estudo, e para detalhar mais o processo de “movimentação de lexias”, e a riqueza e variedade destas, desenvolver-se-á um estudo voltado para os valores semântico e estilístico<sup>2</sup> dessas lexias, para o que, aliás, já está sendo coletado material.

Dessa forma, e nesta linha de estudo, levantar e analisar cada lexia ou grupo de lexias permutadas, excluídas ou incluídas, pelo Autor, é um trabalho, até certo ponto, de cunho ecdótico

<sup>1</sup> O objeto específico do presente estudo são os textos em verso, porquanto os de prosa estão sendo tratados em outro trabalho nosso, separado.

<sup>2</sup> Os estudos semântico e estilístico dos textos supra constituirão a segunda parte deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

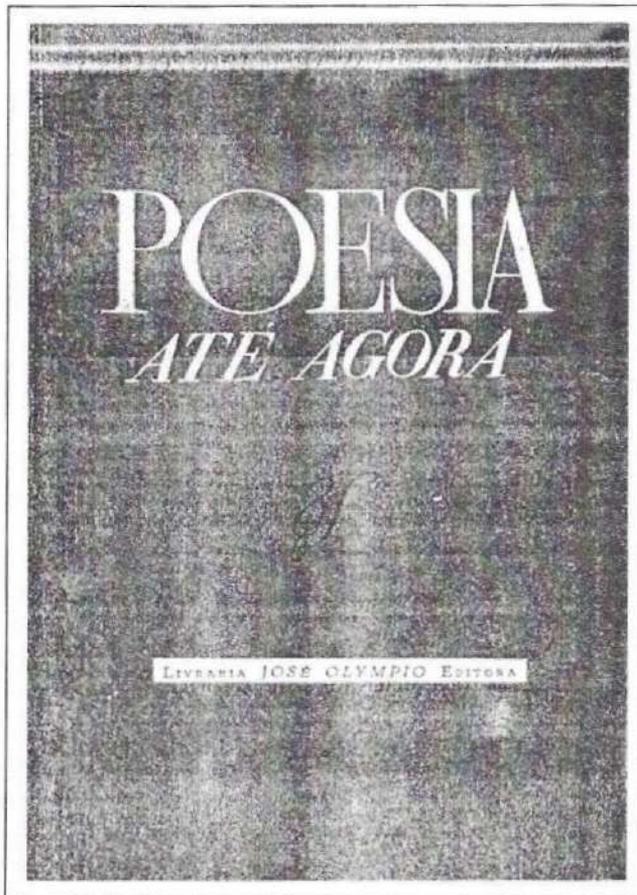
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia até agora..... Novos poemas*. São Paulo, José Olympio, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Claro enigma*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.
- \_\_\_\_\_. *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro, MEC, 1956. (Cadernos de Cultura)
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Companhia Aguilar, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Reunião*; 10 livros de poesia. José Olympio, Rio de Janeiro, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2002. (obra comemorativa ao centenário do poeta)
- \_\_\_\_\_. *Canção amiga*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1946, n.º 9.
- \_\_\_\_\_. *Definições de poesia*. Suplemento Literário da Folha do Norte, dezembro, 1946, n.º 17.
- \_\_\_\_\_. *Areia e vento*. Suplemento Literário da Folha do Norte, janeiro, 1947, n.º 18.
- \_\_\_\_\_. *A cidade*. Suplemento Literário da Folha do Norte, março, 1947, n.º 22.
- \_\_\_\_\_. *Invençionismo*. Suplemento Literário da Folha do Norte, abril, 1947, n.º 24.
- \_\_\_\_\_. *Amargura de Kaestner*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1947, n.º 26.
- \_\_\_\_\_. *Poesias de A. O. Barnabooth*. Tradução. Suplemento Literário da Folha do Norte, abril, 1947, n.º 27.
- \_\_\_\_\_. *Cartas aos que nasceram em maio*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1947, n.º 27.
- \_\_\_\_\_. *Da ira*. Suplemento Literário da Folha do Norte, junho, 1947, n.º 31.
- \_\_\_\_\_. *Segredos*. Suplemento Literário da Folha do Norte, junho, 1947, n.º 32.
- \_\_\_\_\_. *Beira-rio*. Suplemento Literário da Folha do Norte, julho, 1947, n.º 33.
- \_\_\_\_\_. *O poeta e a fotografia*. Suplemento Literário da Folha do Norte, julho, 1947, n.º 36.
- \_\_\_\_\_. *Desaparecimento de Luísa Porto*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1947, n.º 37.
- \_\_\_\_\_. *O enigma*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1947, n.º 38.
- \_\_\_\_\_. *Opiniões de Robison*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1947, n.º 39.
- \_\_\_\_\_. *Volta de Bopp*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1947, n.º 40.
- \_\_\_\_\_. *A vida no papel*. Suplemento Literário da Folha do Norte, setembro, 1947, n.º 42.
- \_\_\_\_\_. *As relações perigosas*. Suplemento Literário da Folha do Norte, setembro, 1947, n.º 43.
- \_\_\_\_\_. *O fim do mundo em Ubatuba*. Suplemento Literário da Folha do Norte, outubro, 1947, n.º 44.
- \_\_\_\_\_. *Para quem goste de cão quem goste de cão Para quem goste de cão*. Suplemento Literário da Folha do Norte, novembro, 1947, n.º 52.
- \_\_\_\_\_. *Jardim*. Suplemento Literário, da Folha do Norte, maio, 1947, n.º 55.
- \_\_\_\_\_. *O poeta João Alphonsus*. Suplemento Literário da Folha do Norte, dezembro, 1947, n.º 57.
- \_\_\_\_\_. *Presépio (dez/ n.º 58)*. Suplemento Literário da Folha do Norte, dezembro, 1947, n.º 58.
- \_\_\_\_\_. *A árvore e o homem*. Suplemento Literário da Folha do Norte, dezembro, 1947, n.º 59.
- \_\_\_\_\_. *Dialógo a 31*. Suplemento Literário da Folha do Norte, janeiro, 1948, n.º 63.
- \_\_\_\_\_. *Meu companheiro*. Suplemento Literário da Folha do Norte, janeiro, 1948, n.º 64.

- \_\_\_\_\_. *Nossa amiga*. Suplemento Literário da Folha do Norte, fevereiro, 1948, nº. 66.
- \_\_\_\_\_. *O sorvete I*. Suplemento Literário da Folha do Norte, fevereiro, 1948, nº. 67.
- \_\_\_\_\_. *O sorvete II*. Suplemento Literário da Folha do Norte, fevereiro, 1948, nº. 68.
- \_\_\_\_\_. *Três poetas europeus*. Suplemento Literário da Folha do Norte, março, 1948, nº. 70.
- \_\_\_\_\_. *Falam os poetas*. Suplemento Literário da Folha do Norte, março, 1948, nº. 71.
- \_\_\_\_\_. *Dai de comer aos gatos*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1948, nº. 77.
- \_\_\_\_\_. *O poeta se diverte*. Suplemento Literário da Folha do Norte, julho, 1948, nº. 88.
- \_\_\_\_\_. *Maria Izabel*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1948, nº. 91.
- \_\_\_\_\_. *Rosário dos homens pretos I*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1948, nº. 93.
- \_\_\_\_\_. *Rosário dos homens pretos II*. Suplemento Literário da Folha do Norte, agosto, 1948, nº. 94.
- \_\_\_\_\_. *Pessimismo e lucidez*. Suplemento Literário da Folha do Norte, setembro, 1948, nº. 95.
- \_\_\_\_\_. *Esta nossa classe média*. Suplemento Literário da Folha do Norte, setembro, 1948, nº. 96.
- \_\_\_\_\_. *Mineiros e frases*. Suplemento Literário da Folha do Norte, setembro, 1948, nº. 97.
- \_\_\_\_\_. *Poemas de pedras Salinas (fev/ nº 111)*. Suplemento Literário da Folha do Norte, fevereiro, 1949, nº. 111.
- \_\_\_\_\_. *Perguntas*. Suplemento Literário da Folha do Norte, fevereiro, 1949, nº. 113.
- \_\_\_\_\_. *Sonho de um diverso romance*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1949, nº. 121.
- \_\_\_\_\_. *Evocação Mariana*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1949, nº. 123.
- \_\_\_\_\_. *Carta*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1949, nº. 122.
- \_\_\_\_\_. *Colóquio das estátuas*. Suplemento Literário da Folha do Norte, maio, 1949, nº. 124.
- \_\_\_\_\_. *Quatro livros de Minas*. Suplemento Literário da Folha do Norte, junho, 1949, nº. 125.

MAUÉS, Júlia. *A modernidade literária no estado do Pará: Os Suplementos Literários*, Belém, UNAMA. 2002.

ANEXOS





CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

POESIA ATÉ AGORA

ALGUMA POESIA  
BREJO DAS ALMAS  
SENTIMENTO DO MUNDO  
JOSÉ  
A ROSA DO POVO  
NOVOS POEMAS

★

Copa de SANTA RITA

1948

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA  
Rua do Cavador, 118 — Rio — Rua dos Gusmões, 104 — São Paulo

## CANÇÃO AMIGA

Eu preparo uma canção  
em que minha mãe se reconheça,  
tôdas as mães se reconheçam,  
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua  
que passa em vários países.  
Se não me vêem, eu vejo  
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segrêdo  
como quem ama ou sorri.  
No jeito mais natural  
há carinhos que se procuram.

Minha vida, nossas vidas  
formam um só diamante.  
Aprendi novas palavras,  
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.

## DESAPARECIMENTO DE LUISA PORTO

Pede-se a quem souber  
da paradeiro de Luisa Porto  
avise sua residência  
à rua Santos Óleos, 48.  
Avisar urgente  
solitária mãe enferma  
entrevada há longos anos,  
êrma de seus cuidados.

239

Pede-se a quem avistar  
Luisa Porto, de 37 anos,  
que apareça, que escreva, que mande dizer  
onde está.  
Suplica-se ao repórter-amador,  
ao caixeiro, ao mata-mosquitos, ao transeunte,  
a qualquer do povo e das classes médias,  
até mesmo aos senhores ricos,  
que tenham pena de mãe aflita  
e lhe restituam a filha volatizada  
ou pelo menos dêem informações.  
É alta, magra,  
morena, rosto penugento, dentes alvos,  
sinal de nascença junto ao olho esquerdo,  
levemente estrábica.  
Vestidinho simples. Óculos.  
Sumida há três meses.  
Mãe entrevada chamando.

Roga-se ao povo caritativo desta cidade  
que tome em consideração um caso de família  
digno de simpatia especial.  
Luisa é de bom gênio, correta,  
meiga, trabalhadora, religiosa.  
Foi fazer compras na feira da praça.  
Não voltou.

Levava pouco dinheiro consigo.  
(Procurem Luisa.)  
De ordinário não se demorava.  
(Procurem Luisa.)  
Namorado isso não tinha,  
(Procurem. Procurem).  
Faz tanta falta.  
Se todavia não a encontrarem

nem por isso deixem de procurar  
com obstinação e confiança que Deus sempre recompens  
e talvez encontrem.  
Mãe, viuva pobre, não perde a esperança.  
Luisa ia pouco à cidade  
e aqui no bairro é onde melhor pode ser pesquisada.

240

Sua maior amiga, depois da mãe enfêrma,  
 é Rita Santana, costureira, moça desimpedida,  
 a qual não dá notícia nenhuma.  
 limitando-se a responder: Não sei.  
 O que não deixa de ser esquisito.

Somem tantas pessoas anualmente  
 numa cidade como o Rio de Janeiro  
 que talvez Luisa Porto jamais seja encontrada.  
 Uma vez, em 1898  
 ou 9,  
 sumiu o próprio chefe de polícia  
 que saíra à tarde para uma volta no largo do Rocio  
 e até hoje.

A mãe de Luisa, então jovem,  
 leu no "Diário Mercantil",  
 ficou pasma.  
 O jornal embrulhado na memória.  
 Mal sabia ela que o casamento curto, a viuvez,  
 a pobreza, a paralisia, o queixume  
 seriam, na vida, seu lote  
 e que sua única filha, afável posto que estrábica,  
 se dispersaria sem explicação.

Pela última vez e em nome de Deus  
 todo poderoso e cheio de misericórdia  
 procurem a moça, procurem  
 essa que se chama Luisa Porto  
 e é sem namorado.

Esqueçam a luta política,  
 ponham de lado preocupações comerciais,  
 percam um pouco de tempo indagando,  
 inquirindo, remexendo.  
 Não se arrependirão. Não  
 há gratificação maior do que o sorriso  
 de mãe em festa  
 e a paz íntima  
 consequente às boas e desinteressadas ações,  
 puro orvalho da alma.

Não me venham dizer que Luisa suicidou-se.  
 O santo lume da fé

241

ardeu sempre em sua alma  
 que pertence a Deus e a Teresinha do Menino Jesus.  
 Ela não se matou.  
 Procurem-na.  
 Tampouco foi vítima de desastre  
 que a polícia ignora  
 e os jornais não deram.  
 Está viva para consôlo de uma entrevada  
 e triunfo geral do amor materno,  
 filial  
 e do próximo.

Nada de insinuações quanto à moça casta  
 e que não tinha, não tinha namorado.  
 Algo de extraordinário terá acontecido,  
 terremoto, chegada de rei,  
 as ruas mudaram de rumo,  
 para que demore tanto, é noite.  
 Mas há de voltar, espontânea,  
 ou trazida por mão benígna,  
 o olhar desviado e terno.  
 canção.

A qualquer hora do dia ou da noite  
 quem a encontrar avise a rua Santos Oleos.  
 Não tem telefone.  
 Tem uma empregada velha que apanha o recado  
 e tomará providências.

Mas  
 se acharem que a sorte dos povos é mais importante  
 e que não devemos atentar nas dores individuais,  
 se fecharem ouvidos a este apêlo de campainha,  
 não faz mal, insultem a mãe de Luisa.

virem a página:  
 Deus terá compaixão da abandonada e da ausente,  
 erguerá a enfêrma, e os membros perclusos  
 já se desatam em forma de busca.

Deus lhe dirá:

Vai,

procura tua filha, beija-a e fecha-a para sempre em teu  
 coração.

242

Ou talvez não seja preciso esse favor divino.  
 A mãe de Luisa (somos pecadores)  
 sabe-se indigna de tamanha graça.  
 E resta a espera, que sempre é um dom.  
 Sim, os extraviados um dia regressam  
 ou nunca, ou pode ser, ou ontem.  
 E de pensar realizamos.  
 Quer apenas sua filhinha  
 que numa tarde remota de Cachoeiro  
 acabou de nascer e cheira a leite,  
 a cólica, a lágrima.  
 Já não interessa a descrição do corpo  
 nem esta, perdoem, fotografia,  
 disfarces de realidade mais intensa  
 e que anúncio algum proverá.  
 Cessem pesquisas, rádio, calai-ves.  
 Calma de flores abrindo  
 no canteiro azul  
 onde desabrocham seios, e uma forma de virgem  
 intacta nos tempos.  
 E de sentir compreendemos.  
 Já não adianta procurar  
 minha querida filha Luisa  
 que enquanto vagueio pelas cinzas do mundo  
 com inúteis pés fixados, enquanto souro  
 e sofrendo me solto e me recomponho  
 e torno a viver e ando,  
 está inerte  
 cravada no centro da estrela invisível  
 Amor.

243

## JARDIM

Negro jardim onde violas soam  
 e o mal da vida em ecos se dispersa:  
 à-toa uma canção envolve os ramos,  
 como a estátua indecisa se reflete

no lago há longos anos habitado  
 por peixes não, matéria putrescível,  
 mas por pálidas contas de colares  
 que alguém vai desfiando, olhos vasados

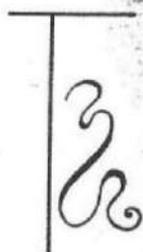
e mãos oferecidas e mecânicas,  
 de um vegetal segrêdo impregnadas,  
 enquanto outras visões se delineiam

e logo se envelam: mascarada,  
 que sei de sua essência (ou não a tem)  
 jardim apenas, pétalas, presságio.

246

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

# CLARO ENIGMA




---

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

# CLARO ENIGMA

*poesia*

1951

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA  
RUA DO OUVIDOR, 110 -- RIO DE JANEIRO

## EVOCAÇÃO MARIANA

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.  
 Havia poucas flores. Eram flores de horta.  
 Sob a luz fraca, na sombra esculpida  
 (quais as imagens e quais os fiéis?)  
 ficávamos.

Do padre cansado o murmúrio de reza  
 subia às tábuas do fôrro,  
 batia no púlpito sêco,  
 entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,  
 perdia-se.

Não, não se perdia . . .  
 Desatava-se do côro a música deliciosa  
 (que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte,  
 nas campinas do ar)  
 e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —  
 cantando.

De seu pêsso terrestre a nave libertada,  
 como do tempo atroz imunes nossas almas,  
 flutuávamos  
 no canto matinal, sôbre a treva do vaie.

## PERGUNTAS

Numa incerta hora fria  
 perguntei ao fantasma  
 que fôrça nos prendia,  
 êle a mim, que presumo  
 estar livre de tudo,  
 eu a êle, gasoso,  
 todavia palpável  
 na sombra que projeta  
 sôbre meu ser inteiro:  
 um ao outro, cativos  
 dêsse mesmo princípio  
 ou dêsse mesmo enigma  
 que distrai ou concentra  
 e renova e matiza,  
 prolongando-a no espaço,  
 uma angústia do tempo.

Pergun-ci-lhe em seguida  
 o segredo de nosso  
 convívio sem contacto,  
 de estarmos ali quedos,  
 eu em face do espelho,

e o espelho devolvendo  
 uma diversa imagem,  
 mas parecida sempre  
 ao primeiro retrato  
 que compõe de si mesma  
 a alma predestinada  
 a um tipo de aventura  
 terrestre, cotidiana.

Perguntei-lhe depois  
 por que tanto insistia  
 nos mares mais exíguos  
 em distribuir navios  
 dêsse calado irreal,  
 sem rota ou pensamento  
 de atingir qualquer pôrto,  
 propícios a naufrágio  
 mais que a navegação;  
 nos frios alcantis  
 de meu sêrro natal,  
 desde muito derruído,  
 em acordar memórias  
 de vaqueiros e vozes,  
 magras reses, caminhos  
 onde a bosta de vaca  
 é único ornamento,  
 e o coqueiro-de-espinho  
 desolado se alteia.

Perguntei-lhe por fim  
 a razão sem razão

101

de me inclinar aflito  
 sôbre restos de restos,  
 de onde nenhum alento  
 vem refrescar a febre  
 dêste repensamento;  
 sôbre esse chão de ruínas  
 imóveis, militares  
 na sua rigidez  
 que o orvalho matutino  
 já não banha ou conforta.

No vôo que desfere,  
 silente e melancólico,  
 rumo da eternidade,  
 êle apenas responde  
 (se acaso é responder  
 a mistérios, somar-lhes  
 um mistério mais alto):

*Amar, depois de perder.*

102

## CARTA

Quisera escrever uma  
 com palavras sabidas,  
 as mesmas, triviais,  
 embora estremecessem  
 a um toque de paixão.  
 Perfurando os obscuros  
 canais de argila e sombra,  
 ela iria contando  
 que vou bem, e amo sempre  
 e amo cada vez mais  
 a essa minha maneira  
 torcida e reticente,  
 e espero uma resposta,  
 mas que não tarde; e peço  
 um objeto minúsculo  
 só para dar prazer  
 a quem pode ofertá-lo;  
 diria ela do tempo  
 que faz do nosso lado;  
 as chuvas já secaram,  
 as crianças estudam,  
 uma última invenção

103

(inda não é perfeita)  
 faz ler nos corações,  
 mas todos esperamos  
 rever-nos bem depressa.  
 Muito depressa, não.  
 Vai-se tornando o tempo  
 estranhamente longo  
 à medida que encurta.  
 O que ontem disparava,  
 desbordado alazão,  
 hoje se paralisa  
 em esfinge de mármore,  
 e até o sono, o sono  
 que era grato e era absurdo  
 é um dormir acordado  
 numa planície grave.  
 Rápido é o sonho, apenas,  
 que se vai, de mandar  
 notícias amorosas  
 quando não há amor  
 a dar ou receber;  
 quando há lembrança,  
 ainda menos, pó,  
 menos ainda, nada,  
 nada de nada em tudo,  
 em mim mais do que em tudo,  
 e não vale acordar  
 quem acaso repouse  
 na colina sem árvores.  
 Contudo, esta é uma carta.

104